

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Jorge Vicente Ferreira Júnior

**PRÁTICAS E MÉTODOS:
A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CAIAPÔNIA NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1970.**

Goiânia
2013

Jorge Vicente Ferreira Júnior

**PRÁTICAS E MÉTODOS:
A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CAIAPÔNIA NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1970.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física
Orientadora: Profa. Dra. Rubia-mar Nunes Pinto.

Goiânia
2013

Jorge Vicente Ferreira Júnior

**PRÁTICAS E MÉTODOS:
A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CAIAPÔNIA NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1970.**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 01 de Dezembro de 2013.

Profa. Dra.
Orientador (a) Rubia-mar Nunes Pinto

Este trabalho é dedicado a minha esposa Josilene, a minha Mãe Terezinha, meu avô João Rodrigues e meus irmãos Wolney e Wagner, que sempre estiveram presentes em todos os momentos de vida e por me fazer acreditar que tudo é possível, apenas é necessário buscar objetivos para a vida e segui-los com a benevolência do amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Pai todo poderoso que através do seu infinito amor nos propiciou esse momento de conquista. A nossa gratidão por sempre estar nos amparando em nossas vidas;

A minha esposa Josilene Goulart Pereira, que sempre me incentivou a enfrentar os desafios doando o seu amor e estando sempre ao meu lado, enfrentando e vencendo comigo as batalhas as quais a vidas nos apresentou;

Minha mãe Terezinha, meu avô João Rodrigues, meus irmãos Wolney e Wagner que sempre me deram força e coragem para hoje compartilharmos juntos desta vitória;

Minha orientadora Professora Doutora Rubia-mar Nunes Pinto, que compartilhou do seu conhecimento em prol da minha formação, doando seu tempo de forma significativa na minha formação acadêmica;

Aos meus professores, por compartilharem sua amizade e seu conhecimento comigo ao longo desta caminhada acadêmica;

Aos meus amigos de curso que de forma especial contribuíram para criação de um laço de amizade construída ao longo desses quatro anos que passamos juntos;

Às tutoras e coordenadora de pólo, em especial a professora Ronis, Professora Dayana e professora Geruza, que estiveram nos acompanhando durante este processo de formação acadêmica;

Aos colaboradores desta pesquisa, antigos professores e estudantes de Caiapônia, Pedro Oliveira da Cruz, Lindolfo de Sousa Bonfim, Angela Aparecida de Oliveira, Eurico Moreira dos Santos, Leocádia Maria Andrade, Luis Carlos Helrigle, Anias Souza Barbosa, Benedito de Assis Batista Ferreira, Gerson Oliveira Sousa, João Reyler, que compartilharam de suas memórias e lembranças para a construção deste trabalho de conclusão de curso.

A todos meus sinceros agradecimentos.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire. 1989

RESUMO

A monografia apresenta uma investigação histórica sobre a educação física escolar na cidade de Caiapônia, estado de Goiás, durante dos anos de 1970 a 1980. O problema de pesquisa priorizou as praticas corporais experimentadas e os métodos de ensino mobilizados pelos professores nas aulas de educação física. Os objetivos da pesquisa foram: 1) reconstituir as práticas corporais experimentadas nas aulas de educação física na década de 1970 em Caiapônia/Goiás; 2) reunir fontes de pesquisa que permitissem a realização do estudo e; 3) contribuir para a ampliação do conhecimento histórico sobre o enraizamento da educação física nas escolas goianas. Metodologicamente, o método histórico subsidiou o estudo. Entrevistas semi-estruturadas com antigos professores e estudantes de educação física constituíram a principal fonte de informações, sendo utilizadas também, secundariamente, fontes textuais e fotográficas. O estudo pode reconstituir o movimento de criação de escolas pós-primário em Caiapônia nos anos 1970 ressaltando o esforço local em ampliar a oferta educacional para crianças e jovens. Entre outras conclusões, foi possível identificar as exercitações ginásticas como principal pratica corporal experimentada nas aulas de educação física ficando o esporte em primeiro plano tão somente quando ocorriam competições esportivas entre escolas ou entre cidades. Sobre os métodos, identificou-se indícios de uma metodologia de ensino inspirada no militarismo, mas atenuada pela proximidade e pelas relações afetuosas entre professores e alunos.

Palavras-chave: Historia da Educação Física em Goiás; Historia da Educação Goiana; Práticas corporais; Métodos de ensino em Educação física.

SUMÁRIO

IINTRODUÇÃO	08
CAIAPÔNIA: UM POUCO DE HISTÓRIA.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
CONSTRUINDO ESCOLAS EM CAIAPÔNIA: A CIDADE VAI A LUTA	15
INVENTANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM CAIAPÔNIA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A.....	40

INTRODUÇÃO

O presente estudo surge por buscar conhecer a história da educação física nesta cidade tendo como recorte histórico a década de 1970, onde a ditadura militar estava em seu auge no País, e desta maneira compreender como ocorreu o processo de implantação da educação física nas escolas de Caiapônia nesta década.

Este estudo tem o objetivo de pesquisar e identificar os locais, espaços, métodos e práticas nas aulas de educação física escolar em quatro escolas de Caiapônia neste período, e buscar identificar as práticas esportivas e como ocorriam os torneios escolares nestas instituições. Com este pensamento buscamos identificar os locais, espaços e situações de prática de educação física, através de entrevistas semi-estruturas com nove depoentes, sendo um, o superintendente de educação, dois professores e seis alunos que estiveram nas escolas neste período da história. Os professores eram professores leigos.

Um dos grandes problemas para as aulas de educação física nas escolas sempre foi o espaço apropriado, desta forma através de entrevistas buscamos localizar professores de educação física e alunos que estiveram presentes neste espaço temporal de muita luta e transformações que ocorreram em nosso país. Os depoentes são ex-professores e alunos que estavam nas escolas nesta época.

Conhecer a introdução da Educação Física nas escolas em Caiapônia – Go, sempre foi um motivo de curiosidade principalmente neste período histórico da década de 1970, em que a ditadura militar estava em seu ápice e comandava todas as instâncias de poder e vendo também que a resistência contra esse modelo de governo. Assim procurou-se conhecer como eram as aulas, a formação dos professores, os materiais pedagógicos utilizados, os locais onde as aulas aconteciam, buscando entender como se instalou a Educação Física escolar nas instituições e compreender as aulas que pude participar no período em que fui aluno nos meados da década 1980 num colégio aqui pesquisado. Como ocorreu esse processo? Quais dificuldades? Quais motivações? Isso aguça a curiosidade em perceber que não foi por acaso que isso ocorreu.

A investigação teve o seu início através de indicação por um dos depoentes, a partir daí houve outras indicações pelos outros entrevistados. As entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, onde todos contribuíram com suas lembranças e memórias. Dois dos depoentes me receberam no colégio onde trabalham um como professor de inglês e outro no corpo administrativo da escola. Três dos entrevistados me receberam em casa sendo um

professor aposentado, outro policial militar aposentado e a outra funcionária pública aposentada. Os outros quatro são: dois técnicos de enfermagem, um fotógrafo e um mecânico. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra com a autorização dos depoentes para serem utilizados neste trabalho acadêmico.

Este estudo tem grande relevância frente às questões que norteiam a educação física e seus espaços de aplicação, os métodos utilizados e materiais pedagógicos, além de identificar quem estava à frente das aulas neste período, desta forma poderão conhecer como ocorreu a implantação da educação física nas escolas nesta cidade do interior. Nesta perspectiva apresentamos este estudo a fim de colaborar para a construção histórica das práticas corporais no interior do estado de Goiás.

Este estudo foi dividido em três capítulos onde o primeiro conta um pouco da história da formação do município de Caiapônia cidade do interior de Goiás, algumas particularidades e momentos históricos desde a formação de vila até a década de 1970.

No segundo capítulo, abordamos a luta para a criação de uma rede de escolas em Caiapônia, que esbarrou nas questões econômicas, políticas e pedagógicas, mesmo com todas essas dificuldades a cidade foi à luta em prol de melhor escolarização para as crianças e jovens e organizando o corpo docente a partir do que dispunha o município.

No terceiro capítulo aborda a problemática da implantação da educação física no município, os problemas com espaços, materiais pedagógicos, conteúdos das aulas e professores, trazendo entrevistas com alunos e professores que apontam como eram as aulas de educação física, seus conteúdos e como aconteciam as competições esportivas.

Neste período a influência do militarismo era muito intensa advinda de décadas passadas, assim utilizando um modelo militarista para as aulas. A falta de professores com formação superior foi outro problema que afetou não apenas a cidade de Caiapônia, mas também o interior de Goiás.

CAIAPÔNIA: UM POUCO DE HISTÓRIA

Neste capítulo abordaremos um pouco da história da cidade de Caiapônia, município do Estado de Goiás, desde a sua formação como vila. As fontes de pesquisa são os livros *Por onde os gigantes passaram* (1980) e *Torres do Rio Bonito* (1990), ambos de autoria do advogado e jornalista Eurico de Souza. Também serão utilizadas imagens fotográficas. Esta cidade surgiu, segundo (SOUZA, 1980) com o nome de Vila do Divino Espírito Santo das Torres do Rio Bonito. Era denominada assim, em meados do século XIX. Esse pequeno povoado nascido no meio do cerrado no centro do Brasil foi criado por imigrantes mineiros que Souza (1990, p. 30) chama de “exploradores mineiros que buscavam no centro oeste brasileiro riquezas como ouro e outros mineiros além de escravizarem nativos desta região”.

Em 1845, José do Carmo Goulart Andrade, patrono de algumas fazendas na região, fez uma doação de terras para a construção de uma igreja onde se poderia celebrar anualmente a fé no Divino Espírito Santo, de quem era fervoroso devoto. Os cultos e celebrações deram origem à Vila do Divino Espírito Santos das Torres do Rio Bonito, nome dado devido às torres que se bifurcam na serra de Santa Maria localizada a leste da cidade. Conforme Souza (1985, p. 36)

A divindade do Espírito Santo, tradicional culto celebrado em Minas Gerais e na maioria das cidades surgidas em Goiás – com influencia da mesma tradição – passou a ser festejada anualmente, desde o surgimento, na fazenda Torres do Rio Bonito. Para ali afluíam todos os habitantes do novo território, ligados pela religiosidade herdada da origem comum. Esse laço foi o que motivou a aglomeração de posseiros nas redondezas da fazenda-mater, sobretudo depois do erguimento da pequena capela do Divino Espírito Santo de Torres do Rio Bonito, centro da maior festa dos colonizadores mineiros do sertão do sudoeste (Souza, 1985, p. 36)

José do Carmo Goulart de Andrade era um imigrante mineiro que ocupou essas terras de acordo com (Souza 1980), através do decreto imperial nº1. 318 de 20 de janeiro de 1854 tomaram posse pela Lei de Terras:

José do Carmo, depois da consolidação de sua comitiva no terreno, foi à capital de Goiás, à frente do grupo familiar, e conseguiu sob as benesses do decreto imperial nº 1.318, de 20 de janeiro de 1854 – que dava execução à Lei nº 60, a “Lei de Terras” – o registro das terras devolutas sediadas pelos índios Caiapós. (Souza, 1985, p. 37).

Neste período, a região da Vila do Divino Espírito Santo das Torres do Rio Bonito era povoada pelos índios Caiapós e, agregava, segundo (Souza, 1985), uma larga faixa do território que rompia desde o sul da província até as margens do rio Araguaia, aglomerando-se principalmente na extensa faixa de terras entre os rios Caiapó, Caiapozinho e Claro.

Igreja matriz do divino espirito santo



O tempo destruiu esta foto da missa central de comemoração, assistida por todos os chefes da Coluna e seus revoltosos, porém guardou nela o vislumbre de uma época tatuada na face de gerações. A cruz da porta da igreja era abraçada por uma geneteira de doer os olhos

1

Fonte: www.caiaponia.net

A Vila do Divino Espírito Santo das Torres do Rio Bonito começa a se organizar em desenvolvimento econômico e social, decorrente do final do ciclo aurífero, e início do ciclo pecuário e de agricultura de subsistência no Estado de Goiás no século XIX, por volta de 1845. Com a vinda de mais famílias para essa região tomava forma de vilarejo onde moravam os desbravadores desta região em busca de riquezas minerais e posteriormente a criação de gado.

O despertar dos civilizados para a ocupação do sudoeste de Goiás – tradicionalmente evitado pelo receio dos índios – deu-se em paralelo à decadência da mineração no país, fim de um dos mais rígidos esteios da economia brasileira: o ciclo do ouro. A maioria dos meeiros que ainda insistia permanecer em Goiás, após a extinção do metal como empresa pré

¹ Foto da Igreja Matriz erguida para comemoração das festividades ao Divino Espírito Santo.

capitalista, passou então a dedicar à agricultura de subsistência ou a criação extensiva de gado (Souza, 1985, p. 33)

No dia 29 de Julho de 1873, pela resolução nº 508, o vilarejo foi emancipado politicamente e oficialmente com o nome de Torres do Rio Bonito pelo então Governador da Província de Goiás, Antônio Cícero de Assis (SOUZA, 1990. p. 30), a Vila torna-se município mantendo, até o ano de 1911, a referência das Torres do Rio Bonito. Segundo (SOUZA, 1990. p. 31), em 1911, na divisão administrativa referente ao ano, o município aparece com o nome de Rio Bonito, sem nenhuma referencia de justificção dessa mudança.

SOUZA (1990) afirma que todo o processo de formação e municipalização de Caiapônia foi marcado por lutas e disputa de poder, mudanças sem justificção como o nome da cidade, além de outros fatos pertinentes que podem ter acontecidos e não registrados, desta forma dificulta o conhecimento profundo de toda a história deste município. Durante este período da história de Caiapônia ainda chamada de Rio Bonito viveram nela dois personagens que pesquisaram e escreveram suas experiências sobre esta cidade: o professor Cristiano Ferreira de Castro e o Padre José Senabra Senranón. Cada um “registrou fatos curiosos por eles presenciados, quando Rio Bonito e o mundo estavam em revolta” (SOUZA, 1990, p. 31).

Rio Bonito foi marcado pela passagem de um movimento revolucionário entre os anos de 1922 a 1926. A Coluna Prestes, conhecida localmente pelo nome de Revoltosos, era constituída por um grupo de pessoas contrárias as idéias do governo civil da época e buscavam reforços e armamentos para lutarem em prol de seus objetivos contra as tropas do governo. A coluna Prestes foi um movimento contrário as idéias do governo de Artur Bernardes ligado ao movimento Tenentista formado por um grupo político-militar, o qual estava insatisfeito com a política dos governantes da Primeira República (1889-1930). Conforme Souza (Souza, 1985, p.107)

A intenção era ingressar, posteriormente, em minas Gerais e chegar ao Rio de Janeiro, provavelmente fortalecida com a arregimentação de novos adeptos em seu percurso. O objetivo maior do movimento: a queda do presidente Artur Bernardes.



2

Fonte:

http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/iphan_promove_inventario_da_coluna_prestes.html

O padre José Senabra Senranón descreve sua vivência deste momento da cidade no Livro Tombo da Paróquia Divino Espírito Santo onde estão relatos de diversos momentos históricos da cidade.

Invadido o município e de posse da cidade, os revolucionários praticara toda sorte de depredações e violências, saqueando o comércio e fazendeiros, incendiando casas e fazendas e assassinando vítimas ignorantes, dando em resultado um prejuízo incalculável para o desventurado, pobre e flagelado município de Rio Bonito, ficando grande número de famílias na fome e sem roupa.

Já o professor Cristiano Fernandes de Castro em seu livro de memórias, relata que:

No dia mediato, 5 de julho, às 7 horas da manhã, o grosso da tropa, tendo à frente desfraldado o Pavilhão Nacional, entrou na cidade, em perfeita ordem. Foi um espetáculo inédito para os habitantes do Rio Bonito o cortejo marcial de um punhado de brasileiros, farrapos de uma revolução, que com ardor se batia em prol de sua convicção ideológica, na sublime aspiração de uma pátria redimida (Souza, 1980, p. 33)

Nos relatos destes dois personagens que viveram na cidade de Caiapônia, nota-se uma divergência nas opiniões de ambos. Desta maneira pode-se perceber a visão que cada uma tinha da realidade daquele local e de suas passagens. Portanto, as memórias da passagem da

² Foto da coluna Prestes com alguns de seus integrantes.

coluna Prestes por Caiapônia têm em seu legado opiniões que divergem entre os escritores sendo que os relatos conotam uma abordagem sucinta deste acontecimento na cidade, com uma visão diferente dos escritores sobre os fatos ocorridos.

Na passagem por Caiapônia a coluna Preste causou medo e fuga de moradores da cidade, pois, segundo nos relata Souza (1985, p. 103) esse susto transformou até mesmo o quadro político da época fazendo cair o intendente da cidade, Antônio Rodrigues dos Santos (Tonico Tontim). Essa renúncia se deu devido ao caos deixado pela passagem da coluna Prestes pelo município onde eles saquearam o comércio, mataram animais fazendo com que algumas famílias procurassem abrigo na mata. Após a renúncia do prefeito Tonico Tontim foi empossado o comerciante Pedro Salazar como novo prefeito da cidade. (Souza, 1985, p.103). Este também sofreu embate por parte dos *Revoltosos*.

No delinear dos tempos, Rio Bonito foi mais uma vez palco de insatisfações de alguns de seus moradores desta vez, pela mudança do nome da mesma de Rio Bonito para Caiapônia fato ocorrido em 1945, pelo decreto – lei estadual nº 8305, de 31-10-1943, lembrando os antigos moradores desta região os índios Caiapó. Sendo também escolhido por indicação o primeiro prefeito da cidade de Caiapônia o Doutor Plínio Gayer. A partir daí vários fatos ocorreram neste município principalmente nas disputas políticas entre UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrático).

A alteração autoritária do nome do município pode ser considerada uma das formas através dos quais o poder político estadual se instaurou em Goiás e alcançou as pequenas cidades do interior do território. Ao longo de sua historia, como se viu, a cidade aqui mencionada teve seu topônimo alterada mais de uma vez e, ao que tudo indica, sempre a revelia de seus moradores. No campo de educação, pode-se também identificar indícios de descaso e autoritarismo na relação entre estado e município.

CONSTRUINDO ESCOLAS EM CAIAPÔNIA: A CIDADE VAI À LUTA

No período da década de 1970 Caiapônia viveu um período de mudanças e conquistas. A economia voltada à pecuária e agricultura toma espaço e se firma como principal atividade no município, a construção de novas escolas, o calçamento com paralelepípedos em algumas ruas, a vinda de novas famílias para a cidade aumentando a população que neste período era cerca de 8500 habitantes. Na área da educação começa um processo de melhoria na mesma com a implantação de cursos de ginásio nas escolas e a construção de novas escolas. Até esta década a Escola Estadual Gercina Borges Teixeira era uma única da cidade. A partir da década de 1960 onde surge o Colégio Nossa Senhora do Montesserrate, a Escola Elias Nasser e o Colégio Estadual Previsto de Moraes, sendo estas as escolas e colégios investigados nesta década, pois, tínhamos a Escola paroquial Santo Agostinho, Escola Municipal Geuza Costa Abreu, Escola Municipal Cristiano de Castro com o ensino primário e a Escola Maçônica Aurora de Caiapônia com o ensino de pré-alfabetização e primeira série.



Escola Estadual Gercina Borges Teixeira

3

O processo de escolarização em Caiapônia- Go, tem seu início deste 1946, com apenas uma escola na cidade. A partir de 1960 começa a construção de mais escolas, pois, a demanda de crianças vindas da zona rural para a cidade foi crescente. Neste momento a cidade se vê em meio a uma crescente população urbana que buscava a escolarização de seus filhos e uma melhor condição de vida para a família. A cidade se via em uma situação social inédita em sua história: a demanda de pessoas era crescente e a infra-estrutura principalmente escolar não correspondia a esse momento da cidade.

³ Primeira Escola erguida no município de Caiapônia – Go.

A busca pelos governantes por uma melhor estrutura escolar foi muitas vezes difícil, como em entrevista nos foi dito pelo Superintendente regional de educação. *Num tinha nada, praticamente não tinha nada. Mesmo com essa afirmação que Caiapônia não tinha estrutura e não tinha professores com formação superior, contava com os colaboradores para superar esta situação buscava junta a comunidade estruturar esta área com doações para a construção de escolas como o Colégio Nossa Senhora do Montesserrate que foi construído com doações da comunidade. Com a vinda de moradores da zona rural para a cidade a prefeitura realizou a doação de terrenos para o estabelecimento destes novos moradores.*

Entrevistando o senhor Lindolfo de Sousa Bonfim, mais conhecido por *Zé Baixinho* ele nos conta um pouco da história da educação deste município. Ele sendo professor no município desde 1963 e superintendente de educação neste município de Caiapônia nos anos de 1972 a 1975, conta como foi à criação e organização da educação e dos colégios e escolas em Caiapônia:

Criação de Caiapônia (Escolas), fundação, era pra ter uma facilidade maior num tinha nada praticamente não tinha nada. Tinha três professores nomeados pelo estado, mas construir mesmo não tinha preocupação, o município não tinha recurso [...]

A situação da escolarização em Caiapônia não recebia muita atenção por parte do governo estadual, inclusive, por se tratar de um pequeno município sem grandes recursos econômicos e com população reduzida, portanto, de pouco interesse eleitoral. Fechava-se assim um doloroso círculo: o município não tinha recursos e o Estado não tinha interesse em investimento nesta localidade. Um dos nossos entrevistados relembra este estado de coisas.

o Estado não oferecia porque a cidade também não oferecia condições, não tinha eleitores, não tinha nada. Foi uma meia dúzia de votos pingados. Então pouco interessava, eles queriam cuidar de municípios maiores.

No decorrer da organização escolar em Caiapônia, tendo a cidade poucos moradores e passando por um processo de crescimento lento as benfeitorias na cidade eram executadas através da troca por votos, desta maneira a cidade pequena com poucos eleitores esbarrava na burocracia e falta de vontade. A relação entre os governos Estadual e municipal sempre foram tensas, o governo estadual sempre transferia a responsabilidade da construção e manutenção das escolas para o município que em muitas das vezes não tinha condições para tal realização. Em Caiapônia não foi diferente o município não tinha condições de construir escolas sem a ajuda do Estado, tal consequência levou a educação de Caiapônia ao marasmo. O Estado

apenas via as cidades como curral de votos, mas como Caiapônia não tinha um número grande de eleitores não davam muita importância para a infra-estrutura a ser investida na mesma.

A Escola Gercina Borges Teixeira já estava em funcionamento como uma escola de ensino primário mantida pelo governo estadual. Na década de 1960, teve início a construção do Colégio Nossa Senhora do Montesserrate com doações da comunidade e sendo ela, de acordo com o senhor Lindolfo, uma escola particular de início com o ensino primário. Na década de 1970 já funcionava com o ensino do ginásio.

A educação na cidade de Caiapônia não contava com um efetivo de professores com formação universitária para conduzir as aulas nas escolas da cidade, desta maneira contava com pessoas com formação em cursos normais e de magistério e contando com a ajuda de pessoas que vieram morar por um tempo na cidade. A organização de pessoal para ministrar as aulas foi buscada através das habilidades que a pessoa tinha em determinada área de conhecimento, muitos eram convidados a fazer cursos de aperfeiçoamento oferecido pelo governo estadual para tentar amenizar o grande problema relacionado à falta de professores com formação universitária na cidade. Continua contando nosso entrevistado.

Em 63, fomos convidados para uma reunião e essa reunião era pra fazer, montar o corpo docente da escola Nossa Senhora do Montesserrate. Como era uma época muito difícil, pouca gente que servia que dispunha de tempo, a título de contribuição, que a escola era particular e era mantida por doações da coletividade. Ai fomos um grupo e distribuimos as disciplinas, perguntou a cada um que tinha facilidade, habilidade pra aquela naquela disciplina, a prefeitura colaborava com uma parte. Dá-se que o professor foi estabelecido com o título de colaboração valor de cinquenta centavos por aula naquela época.

Já a Escola Elias Nasser, também inaugurada na década de 1960 e em funcionamento com o ensino primário ainda na década de 1970 também foi uma escola estadual, segundo o senhor Lindolfo:

O Elias Nasser já foi um colégio com iniciativa do estado. Num tinha em 1966 inaugurado. Criaram o Elias Nasser como colégio realmente do Estado, construído e mantido pelo Estado o resto não tinha ninguém, não tinha, tinha já funcionando a mais tempo e Gercina Borges esse que era do estado foi o primeiro o segundo foi o Elias Nasser do Estado basta que com a criação do colégio estadual Previsto de Moraes num tinha lei de criação, não tinha nome, eu na época de superintendente é eu fiz a transação, lá fiz uma extensão do Elias Nasser que é estadual para o estadual Previsto de Moraes, era uma extensão foi a única saída que as autoridades, o secretário, o próprio

governador. Precisava de um colégio estadual de fato que tinha um nós tivemos sorte.

Segundo o senhor Lindolfo de Sousa Bonfim, o Colégio Estadual Previsto de Moraes, foi inaugurado como uma extensão do Elias Nasser, pois, houve uma reivindicação de outro colégio para a cidade e a SUPLAN (Superintendência de Planejamento) autorizou a construção, mas o governador do estado não:

Aí já 75 quando terminou tudo que estava funcionando já criando o Estadual que, brinco e falo, foi criado por acaso, porque não tinha nada, não tinha nada oficial, como se fosse uma construção estadual, uma construção esporádica ela surgiu porque era um pedidos das pessoas da cidade, que tinha força política e foi aí e pediram e o presidente da Suplan (Superintendência de Planejamentos), autorizou a construção e o governador não. Então quando foi criado aí funcionou com estadual, porque já tinha a extensão do Colégio criado estadual, criação estadual que era ali do Elias Nasser, era uma extensão do Elias Nasser.

A construção do Colégio Estadual Previsto de Moraes foi criada por um pedido feito ao presidente da Suplan por pessoas com influencia política na cidade visto que era necessário mais um colégio que atendesse a demanda de alunos, já nos meados da década de 1970, o senhor Lindolfo nos relata como foi a criação do mesmo:

[...]basta que com a criação do colégio estadual previsto de Moraes num tinha lei de criação, não tinha nome, eu na época de superintendente eu fiz a transação, La fiz uma extensão do Elias Nasser que é estadual para o Estadual Previsto de Moraes, era um extensão foi a única saída que as autoridades, o secretário, o próprio governador. Precisava de um colégio estadual de fato que tinha um nós tivemos sorte, tinha um o Elias Nasser criado em 66. O Montesserrate já tinha funcionando, mas era particular, aí já 75 quando terminou tudo que tava funcionando já criando o Estadual que brinco e falo que foi criado por acaso, porque não tinha nada, não tinha nada oficial, como se fosse uma construção estadual, uma construção esporádica ela surgiu porque era um pedidos das pessoas da cidade, que tinha força política e foi aí e pediram e o presidente da Suplan (Superintendência de Planejamentos), autorizou a construção e o governador não. Então quando foi criado aí funcionou com estadual, porque já tinha a extensão do Colégio criado estadual, criação estadual que era ali do Elias Nasser, era uma extensão do Elias Nasser.

De certa forma, o caráter extra-oficial desta escola pode ser entendido como um dos artifícios que a cidade usou para validar tal escola na estrutura legal e financeira do governo estadual. Para tanto, concluíram a convergência de interesses entre pessoas da cidade

e o presidente da SUPLAN, a qual levou à desobediência do veto do governador. O artifício parece ter sido bem sucessivo já que houve a criação oficial da escola algum tempo depois.

Aí eu acho que foi em 78 que veio a lei de criação que instituiu a Lei de criação, eu não tenho bem certeza, mas eu acho que foi mais tarde bem mais tarde, por que geralmente o estado embroma lá, porque o conselho estadual vai fazer um estudo, vai fazer acompanhamento, documentação e tudo pra poder fornecer a lei de criação de fato foi o que aconteceu com o Colégio Previsto de Moraes.

Percebendo a realidade da época a educação passava por uma estruturação visto que quando os alunos concluía os estudos de primeiro grau (curso primário e ginásial) precisavam mudar para outros centros para continuar seus estudos. Isto ocorreu com vários moradores da época, buscando uma melhor formação educacional. Desta forma, várias foram as tentativas e conquistas para se estruturar um curso de nível médio ou secundário para que os jovens não precisassem sair de Caiapônia para dar continuidade nos estudos. No decorrer da década de 1970 o Colégio Montesserrate se torna uma escola técnica com o nome de Valdemiro Nasser com cursos técnicos.

Como esperamos ter demonstrado, a criação de uma rede de escolas em Caiapônia esbarrou em questões econômicas (pobreza das rendas municipais, dificuldade em construir e mobiliar prédios escolares), políticas (relações de poder entre líderes políticos municipais e estaduais que, muitas vezes, estavam em partidos políticos antagônicos) e pedagógicas (falta de professores habilitados). Contudo, a tudo isso, a cidade reagiu na busca de melhorar as ofertas de escolarização de crianças e jovens. Como o fez? Construindo prédios escolares, organizando o corpo docente a partir do que se dispunha, fazendo parcerias, enfim, *a cidade foi à luta.*

INVENTANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM CAIAPÔNIA

A educação Física nos anos 1970 passava por problemas; entre eles, a de se encontrar professores. Se para outras disciplinas a tarefa já se mostrava problemática, para a educação física as dificuldades eram ainda maiores. A solução foi buscar professores em outras cidades e aceitar pessoas sem formação específica e tentar suprir a deficiência de professores nesta disciplina em um curso de treinamento e capacitação em educação física. O Senhor Lindolfo relata sua luta para buscar professores de educação física para Caiapônia: “*A preocupação com a Educação Física que é uma disciplina obrigatória no estabelecimento e devido à falta de professores que era escasso as escolas formadores de professores tínhamos que buscar professores fora*”.

Nessas condições as escolas de Caiapônia e de muitas cidades do interior sofriam com Brasil onde a educação física teve início com cursos superiores somente no ano de 1939 no Rio de Janeiro com a criação da Escola Superior de Educação Física do Exército que formava militares e civis. Com a escassez de professores e a falta de profissionais formados em Caiapônia, e as escolas de formação de profissionais em educação física serem ainda recente no Estado, a maneira encontrada foi buscar apoio a pessoas leigas que conheciam um pouco de área para ocupar este espaço em buscar de suprir a falta deste profissional.

A partir de 1939 outras escolas foram surgindo no país em outras regiões. Em Goiás somente a partir de 1965 surgiu curso de licenciatura nesta área com a criação da Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFFEGO):

A Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás a ESEFFEGO, foi criada em 1962, pela Lei nº 4.193, de 22 de outubro de 1962, pelo então governador do Estado de Goiás, Mauro Borges Teixeira. Ao longo dos primeiros 30 anos, ofereceu e ministrou apenas o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, com objetivo de formar professores para atuarem na área de Educação Física.

Portanto, a ESEFFEGO inicia um processo de formação de professores de educação física no Estado de Goiás com o intuito de capacitá-los para sanar a deficiência e a falta de professores de educação física no Estado:

À época, o Estado de Goiás mostrava-se extremamente carente de profissionais nessa área e no ano seguinte, pela Lei 4.640 de 8/10/1963, a Escola Superior de Educação Física de Goiás, passou a ser uma entidade autárquica, jurisdicionada à Secretaria da Educação e Cultura. O reconhecimento da ESEFFEGO ocorreu pelo Decreto Federal nº 64.139, de 17 de fevereiro de 1969 e sua estrutura pedagógica era representada pela

Congregação, Diretoria, Conselho Administrativo e Diretoria dos Departamentos de Cultura Geral, Científica e Técnica, Conselho Departamental e Divisão Médica.

Esta iniciativa trouxe para o Estado de Goiás uma nova perspectiva na formação de licenciados nesta área de atuação com formação superior e também cursos de atualização e treinamento em educação física para leigos como nos relatou a professora Leocádia:

Nessa época a gente teve que ir pra ESEFFEGO igual comentei, pra gente fazer um curso de atualização e treinamento em Educação Física, que a gente era professor leigo, mas a gente tinha autorização, a gente fazia, passava por essa capacitação lá, fazia tudinho essa atualização pra gente poder e não chegar lá e pegar qualquer um não, nessa época a superintendência da educação, a secretaria da educação que na época era até o senhor José Alves de Assis que era o secretário da educação do Estado, eles não permitiam, a gente fazia esses cursos de horas, mas a gente tinha certificado, tinha tudinho pra que a gente pudesse planejar a aula numa boa.

O termo “professor leigo” corresponde ao professor sem formação em nível superior que ocupa um lugar—por falta de profissional que responda por esta área de atuação na instituição escolar. Em relação a este denominação do professor atuando em sala de aula é devido segundo Stahl, 1986, *o crescimento do número de alunos devido a causas demográficas, a pressão social da demanda de ensino, o prolongamento da obrigatoriedade escolar tem afetado a demanda, sempre maior que a oferta, de professores qualificados.* (p. 17).

Segundo (Stahl, 1986, p.19)

A utilização deste tipo de professor é que tem permitido, em muitos lugares, o funcionamento de escolas, e a impossibilidade de substituí-los por professores devidamente habilitados exige o desenvolvimento de programas com métodos e técnicas apropriados a esse tipo de clientela.

Esse foi o caso ocorrido aqui na cidade de Caiapônia – GO, na década de 1970 com a implantação da Educação Física nas escolas urbanas, a necessidade de se ter professores para a disciplina aqui citada fez com que buscasse pessoas com proximidades com a Educação Física para ocupar esta vaga de professor, assim o professor leigo deveria responder as necessidades específicas da escola e suas disciplinas além do caráter socioeconômico e cultural.

Um dos fatores que influenciam nessa demanda da contratação de professores sem formação acadêmica até nos dias de hoje está segundo (Stahl, 1986. p 17), *na atração de novos empregos, melhor remuneração e com melhores condições de trabalho.* Dessa maneira

as pessoas que buscam a profissionalização optam por outros setores da sociedade deixando de lado o magistério por ser pouco atraente no seu status sócio-profissional e menos rentável financeiramente, esse aspecto evidencia a deficiência encontrada na maioria das escolas, onde as condições de vida e trabalho são demasiadamente sobrecarregadas para se obter um salário maior para sua sobrevivência. Para (Stahl, 1986, p.24)

É claro que a problemática do professor leigo está muito ligada a problemas econômicos, pois baixos salários percebidos provocam a evasão da profissão ou o acúmulo de atividades de todo tipo para complementar a renda familiar e mesmo para sobreviver. Além disso, as precárias condições de trabalho, especialmente na zona rural, e o baixo nível de escolaridade contribuem para uma desvalorização social do magistério em geral e principalmente do professor leigo.

A figura do professor leigo apresentada assume papel fundamental para a introdução da Educação Física em Caiapônia – GO, na década de 1970, onde já citado neste trabalho os baixos salários e condições de vida não entusiasmavam profissionais a vir residir nesta cidade do interior de Goiás, desta maneira a busca por profissionais se tornava mais difícil, tendo que sanar esta falta com a figura do leigo.

Um dos professores entrevistados apresenta em seu currículo um curso de aperfeiçoamento e capacitação para professores de educação física, para que se pudessem ministrar as aulas em uma das escolas da cidade, relacionando com o que nos diz (Stahl, 1986, p. 20):

Na formação do professor leigo é preciso introduzir valores e motivações que possam contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos. É preciso modificar o unilateralismo dos sistemas pedagógicos, cujos métodos preocupam-se apenas com as funções intelectuais e ignoram os sentimentos e percepções.

Neste período a educação física em Caiapônia foi ministrada por alguns professores licenciados vindos de outras cidades e professores leigos, mas principalmente por leigos, pois, a dificuldade como moradia, transporte e como o salário não era bom muitos tinham dificuldades de mudar para esta cidade e ministrar as aulas, desta maneira nos remete no que foi dito pelo senhor Lindolfo sobre a dificuldade de se encontrar professores de educação física neste período para dar aulas no interior.

Mesmo nos dias de hoje essa realidade não é tão distante, visto que várias pessoas que estão à frente das aulas de educação física não têm formação superior o que dificulta para se obter aulas com conteúdos que promovam a interdisciplinaridade e a introdução de novos conteúdos e conceitos que não seja apenas o esporte para os alunos no âmbito escolar nas

aulas de educação física. Mesmo com a LDB 9.394/1996 que promove e incentiva a formação superior ainda hoje se tem poucos profissionais para exercer as funções como licenciados destinando assim esses espaços para pessoas com pouca ou nenhuma metodologia de ensino.

Por outro lado a prática pedagógica do professor segundo (Almeida, 2010), *exige algumas ações que muitas vezes não são aprendidas pelos professores na sua formação, seja ela inicial ou continuada e nem nos currículos impostos pela instituição escolar.*

Esses saberes são adquiridos, produzidos ao longo de uma interação, busca, interesse em se descobrir no seu dia-a-dia nas relações com outros professores e da sua interação dentro da instituição escolar, desta maneira o professor se torna sujeito da ação e ao mesmo tempo produtor de conhecimento, de acordo com (Almeida 2010), *É em meio a esta contradição e valorização e desvalorização que os saberes da experiência na docência se justificam como importantes.*

De acordo com Almeida,(2010):

A busca pela compreensão destas expressões e muitas vezes do preconceito de alguns docentes em relação os saberes ditos teóricos, passa pelo entendimento de como a teoria, muitas vezes personifica pela universidade, pode ter sido feito um objeto de poder. Não é nossa intenção esgotar esta relação de poder existente nesta dicotomia teoria-prática, porém algumas considerações fazem-se necessárias.

Neste contexto político educacional percebe-se que esta visão reducionista que impera é meramente político, pois, cabe a cada professor assumir o seu papel pensante e crítico e buscar conhecimento superar essa dicotomia que discrimina e desconsidera os saberes adquiridos, desta maneira buscando unir experiência e prática no seu dia-a-dia.



ESTADO DE GOIAS
 SECRETARIA DA EDUCACAO E CULTURA
 DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA E DESPORTOS

CERTIFICADO

Culorgamos o presente **Certificado** a TEOCARDIA MARTIA DE

ANDRADE, por ter participado do curso de Atualização e Treinamento em

Ed. Física para Professores Leigos, realizado em 90 horas na Cidade de Goiânia.

De 12 a 22 de julho de 1976

Goiânia, 22 de julho de 1976

Professor Langa
 Diretor do DED-GO.

Ode de Ovi
 Secretário da Educação e Cultura

4 Certificado de participação em um curso de Atualização e treinamento em Ed. Física para professores.

10 CONTINUA

EMPREGADOR: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAIAPÔNIA - GOIÁS N.º

Rua: _____ Est. 60

Município: Caiapônia

Exp. do estabelecimento: Prefeitura

Cargo: Professora de Educação Física C.B.O. n.º _____

Data admissão: 02 de 03 de 1973

Registro n.º: 48 Fis/Ficha: 48

Remuneração especificada: 206,40 Centavos
e seis centavos e quatro
ta centavos por mês

PREFEITURA MUNICIPAL

Ass. do empregador ou a cargo c/ test.
CAIAPÔNIA - GOIÁS

1.º _____

2.º _____

Data saída: 30 de novembro de 1973

Ass. do empregado ou a cargo c/ test.
PREFEITURA MUNICIPAL

1.º _____

2.º _____

DE
CAIAPÔNIA - GOIÁS

5

As aulas eram dadas no pátio da escola ou colégio onde os alunos tinham contato com a educação física, vendo que as escolas tinham um espaço. Mas ainda não tinha estrutura adequada para as aulas, assim os alunos tinham que vivenciar a aula em terreno arenoso, com cascalho sem um local que pudesse acomodar melhor os mesmos para uma aula mais prazerosa. Perguntado em entrevista ao senhor Lindolfo sobre, os espaços que escolas tinham se era apropriado para a Educação Física ele nos respondeu:

Apropriado não! Eram todas as escolas preocupadas com a Educação Física, mas não tinham aquele cuidado de mãe, não foram construídos com espaço físico apropriado. Então eram empregados, eram uma área aberta era uma quadra de vôlei, de basquete, que a maior parte dos colégios tinha inclusive o Montesserrate não tinham proteção nenhuma, mas já tinha quadra, era

⁵ Foto carteira de trabalho assinada como professor de Ed. Física na década de 1970.

cercado de arame farpado, não tinha muro, não tinha proteção, até era difícil para conseguir para que os alunos tivessem segurança [...].

No processo de construção dos prédios escolares, vendo que a educação física era uma disciplina obrigatória nas instituições de ensino, as escolas em Caiapônia foram construídas sem que essa estrutura para as aulas tivessem um local apropriado com infra-estrutura adequada para acomodar de forma mais confortável os alunos, não apenas com uma quadra de esporte o que ocorreu já no final da década de 1970, mas toda uma estrutura necessária para o bom andamento das aulas, além dos materiais pedagógicos. Desta maneira a educação física era vista apenas como uma disciplina necessária que deveria conter na grade curricular sem dar o devido valor a esta. Visto que a dificuldade em construir novas escolas com suas respectivas estruturas e necessidades eram por causa dos interesses políticos, desta maneira efetivava a construção de prédios sem uma organização necessária para a construção de espaços adequados e destinados para a educação física.

O contexto educacional tornou a educação física uma disciplina obrigatória na escola como forma de se buscar dentro da instituição corpos fortes e saudáveis e um relacionamento entre o movimento e outras áreas da educação que remete a um vínculo com o físico, mental e o emocional do aluno, por outro lado a cultura vivenciada pelos professores e gestores escolares sempre ponderaram que a educação física seria uma disciplina secundária para a escola, desta maneira ocorreram a improvisação de espaços para as aulas de educação física sendo e também dos materiais utilizados nas aulas onde vários eram improvisados pelo professor para que se obtivesse sua realização. De certa forma apenas para atender as obrigações com a disciplina e com o Estado algumas quadras forma construídas nas escolas para as aulas, mas com várias deficiências que em alguns momentos como dias de sol muito quentes e chuvosos impediriam que as aulas se realizassem, limitando o seu uso.

Neste período retratado da década de 1970 os governos investiram na construção de equipamentos de lazer e esporte através da política de Esporte Para Todos (EPT) no qual o objetivo era levar as praticas esportivas. Segundo Teixeira, 2009, *O Esporte para Todos (EPT) surgiu no Brasil, a partir de 1973, eivado de pressupostos filosóficos que propunham a democratização das atividades físicas e desportivas*, desta maneira a pretensão do governo era levar esporte para todos até mesmo no interior, mas esse objetivo não abrangeu o município de Caiapônia, de acordo com PAZIN; FREITAS; SILVA (2010):

A Campanha Esporte para Todos (EPT) contou com a adesão de mais de 2.700 municípios, e utilizou a infra estrutura do MOBREAL como órgão executor e divulgador da prática das atividades físicas e esportivas no país

naquele momento. O MOBRAL contava com a parceria do então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) para organizar e dirigir a campanha para implantação do desporto de massa no Brasil. A campanha EPT contou com o apoio das secretarias de educação dos Estados e de alguns municípios importantes; cerca de 9,7 milhões de pessoas participaram nos eventos de massa; 10.458 voluntários esportivos foram mobilizados pela rede MOBRAL para a organização de promoções e competições, como as ruas de lazer e as colônias de férias.

Nesta concepção do Esporte para todos tinha como objetivo a democratização do esporte e deveria atingir os municípios da federação, neste aspecto Caiapônia não foi atendido com este projeto continuando com a sua estrutura esportiva ainda pouco desenvolvida para atividades físicas.

Nas aulas de Educação física foi unânime a metodologia utilizada pelos professores, pois, se utilizava de recursos que visavam o bom condicionamento físico dos alunos, desta forma as atividades eram voltadas para a busca dos corpos bem preparados fisicamente como: corrida, polichinelo, abdominais, flexão, corrida em zig zag, saltos. Nas entrevistas realizadas com o superintendente e os dois professores a metodologia aplicada e os conteúdos eram muito parecidos, a prática de exercícios e os próprios exercícios tinham um cunho de preparo físico. Perguntado ao Superintendente o senhor Lindolfo se ele tinha conhecimento do conteúdo aplicado nas aulas de educação física ele nos relata o seguinte:

Naquela época eram mais exercícios de chão, solo, era corrida, saltos e algumas modalidades de esporte, tirando o futebol que é uma modalidade a prática mais comum, algumas escolas que tiveram o cuidado de fazer uma quadra prática o vôlei, praticava outra modalidade aí mais realmente era exercícios físicos, exercícios de solo, de levantar o peso corporal, abdominais, justamente fora disso não tinha o professor não tinha preparo, o aluno tem que estar preparado fisicamente, mentalmente para as outras disciplinas, então a educação física de hoje já tem a prática desses torneios internacionais, que nós temos aí agora em vista né, eu achei muito importante essa convocação desses voluntários pra participar da copa do mundo, então a preparo do professor de educação física tem sim condição fácil aceitável e muito procurada para essas modalidade de esporte porque sem o esporte não funciona quase nada então ele é primordial na como disciplina como prepara físico.

O professor Eurico no relata como era ministrada as aulas e seus conteúdos:

Eu fui procurado, eu não sabia metodologia de ensino para a parte estudantil, eu aplicava a parte militar, militar, esquentamento era parte principal para o corpo humano, para esquentar a Educação física, aí depois do esquentamento

eu aí práticas de educação física, verdade, primeiro a parte do aquecimento com uma corrida, uma corrida brevemente, vai agitar o sangue, depois vinha propriamente o exercício para a educação física, educação física, primeiro apoio, segundo exercício físico deitado, esticava as pernas punha os braços para traz e levantava, espontaneamente, quando o pessoal tinha coragem é tinha força de fazer, nada estupidamente não, não nunca, eu amigavelmente desempenhei esta função no agrado da direção, do povo, agrado os pais dos alunos e os alunos. Depois da corrida tem um exercício mesmo lugar a parte superior, os braços, o tronco, abdômen, aquela parte depois disso tinha a parte esportiva.

Nas aulas de Educação Física como foi dito na entrevista com um dos professores experiência com pedagogia escolar era nula no seu conhecimento, utilizava-se de conhecimentos vindo do militarismo sendo este professor policial militar que utilizava deste seu conhecimento para ensinar os alunos nas aulas, como o conteúdo era conforme seu conhecimento profissional como militar as aulas foram ministradas dentro da escola de acordo com seu didática.

A professora Leocádia relata também suas aulas de educação física:

A gente começava com o aquecimento, alongamento, vinham os exercícios próprios masculinos ou femininos, tinha um plano de aula. Quando a gente fazia aquilo ali e depois entrava na educação física, e após na hora de terminar a gente voltava a calma pra que ninguém saísse dali suado, nervoso, cansado, não, ele voltavam a calma, da melhor forma possível com brincadeiras, a gente fazia risadas, a gente jogava o lenço pra cima, tudo sentado no chão, a professora sentava também e a gente conversava, ensinava, eu ensinava, inclusive eu ensinava até como lavar a cabeça, e ali eles iam acalmando, as garotas iam acalmando, os garotos a gente deixava no dia eles jogavam uma peladinha, eles jogavam uns minutos, depois voltava, a gente ia conversar, eles iam voltando a calma, falava voltar a calma e eles saiam todos felizes já pensando no outro dia.

As mulheres primeiras vinham alongamento igual já falei alongamento, aquecimento, pra cintura, pras pernas, a gente fazia esses exercícios tudinho. Os homens vinham mais apoio, chinelinho e o apoio, mas pra pernas, jogo, então o exercício, mas pros homens, o exercício dos homens era diferenciado das mulheres, nessa época, então a gente fazia e tudo dava certo e depois eles iam jogar, porque você não podia fazer cintura ne homem, no meu caso lá a gente tinha o jeito de fazer separado das mulheres e separados dos homens.

É percebido através das falas dos entrevistados que o início das aulas eram da mesma maneira tanto para homens quanto para as mulheres, o conteúdo tinha suas particularidades e

diferenciações para cada gênero, pois, considerava-se que alguns dos exercícios não eram próprios para os homens e outras para as mulheres.

Nas aulas de educação física os conteúdos com moldes militares para obtenção de corpos fortes e robustos eram predominantes, desta maneira as aulas continham em seus conteúdos atividades e práticas de exercícios que correspondiam ao modelo militarista que de acordo com Antunes e Gebran, 2010:

A influência do militarismo e da Medicina na Educação Física contribuiu para uma aprendizagem mecânica e sem reflexão. Nesse contexto, a disciplina era utilizada na incorporação de normas e valores. Por meio da educação do corpo (o autor enfatiza a separação entre corpo e intelecto e a valorização deste), isto é, hábitos saudáveis numa perspectiva nacionalista, e não apenas terapêutica, as formas culturais eram instrumentalizadas. A Educação Física no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, era entendida como atividade exclusivamente prática, já que eram os instrutores das instituições militares que atuavam nas escolas. Destaca-se que, até essa época, os profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas eram os instrutores formados pelas instituições militares.

Esta tendência que era advinda de décadas passadas, pois, as escolas formadoras no início eram apenas para militares e apenas em 1939 foi aberta a primeira escola para civis se ingressarem nesta área. Desta maneira as instruções passadas eram em moldes militares, assim a educação física aparece nas escolas seguindo este eixo de predominância, e desta forma os professores leigos seguiam este eixo alguns sendo militares e outros sem uma formação na área seguindo estas instruções de seus gestores, não refletindo suas práticas e ações com os alunos provocando uma exclusão nos menos preparados para tal atividade.

Nesta perspectiva a educação física não era propriamente esportivizada, nesta década esta disciplina estava voltada para a lógica militar, ou seja, os exercícios como pressuposto militar ficando o esporte como uma forma de lazer após a aula. Os alunos entrevistados apontaram como a educação física era realizada nas aulas, assim apontam suas dificuldades e prazeres, mesmo com as concepções militares ditando as regras das aulas, suas ações, exercícios e conteúdos dos alunos tinham suas dificuldades, mas praticavam por que era uma disciplina que era obrigatória sua participação nas aulas.

Entrevistamos alguns alunos deste período que nos relatam as aulas com seus conteúdos e como eram as mesmas neste período. Pedro Oliveira da Cruz nos relata como eram as aulas, na Escola Estadual Elias Nasser e no Colégio Nossa Senhora do Montesserrate:

A prática era boa, exercícios físicos muito puxados, inclusive pra mim foi muito puxado, porque eu não tava preparado pra aquilo, fiquei algumas semanas bem aperreado de forma que eu sofri muito, mas depois foi equalizando, aprendendo a entrar no ritmo dos outros. É tipo aí físico, era físico mesmo, raridade era bate bola.

Nas lembranças desse aluno prevalece a exclusão nas aulas de educação física neste período, com o modelo militarista de atividade física que buscava preparar os alunos para uma se ter corpos robustos e fortes excluindo os que eram menos preparados para a rotina das aulas que tinham em seus conteúdos exercícios nos moldes militares.

Ângela Aparecida de Oliveira aluno do Colégio Estadual Previsto de Morais nos relata as aulas de educação física no Colégio Estadual Previsto de Morais no final da década:

Eu sou Ângela Oliveira e, comecei na quinta serie a ter educação física, no ano de 79, a professora era a Clarice lembro-me da EF e que era no contra turno, mulheres num dia homens no outro dia, não misturava na EF e pó eu ser baixinha não ter estatura sempre era colocada numa atividade que não precisasse tipo, vôlei, basquete eu não geralmente eu não participava dessas atividades escolares de EF, naquele momento, pra mim foi uma experiência a gente teve atletismo na época, tinha ensinava basquete, vôlei e tinha os jogos abertos que eu lembro mais eu nunca participei devido a esses problemas de eu ser gordinha, baixinha sempre eu não podia estar participando dessas atividades mais importantes da escola, mais tinha as aulas que era com a professora no contra turno e era separado dos homens que eu lembro nesse momento agora.

Colocava a gente pra correr na quadra pra aquecer, tinha polichinelo, aquelas atividades quase as mesmas faziam abominais, fazia é flexão, essas eram as aulas de EF baseavam - se mais nisso, aí quando ia ter torneio que as aulas eram específicas que era pro futsal, pro vôlei, e pro basquete, são essas três e atividades que eu lembro que acontecia.

Para esta aluna a exclusão foi a maior barreira encontrada nas aulas de Educação Física e essa exclusão dá pela sua estatura onde algumas atividades seu perfil de acordo com os moldes da época não se enquadrava e esta exclusão acontece até mesmo pelos próprios alunos que selecionam os próprios alunos excluindo outros das atividades.

Luis Carlos Helrigle relata como eram as aulas na Escola Estadual Gercina Borges Teixeira:

Nós fazíamos a EF lá no Gercina era debaixo de umas arvores que tinha lá, porque não tinha quadra como tem hoje, treinava normalmente, claro naquela época era diferente de hoje, era mais futebol ou você estava voltado para a área do futebol de salão ou futebol de campo, vôlei que era o mais usado, handebol coisa que nós não temos hoje. Era visando mais o corpo só visava o corpo, corporal, não visava hoje que é trabalho paralelo, parte psíquica e a parte corporal.

Para Luis Carlos as aulas de Educação Física eram pautadas pela esportivização, mesmo sem ter um local apropriado para a execução destas atividades os alunos estavam presentes e improvisavam para as atividades.

Pedro Oliveira da Cruz relata como foi sua experiência com a educação física na Escola Estadual Elias Nasser e Colégio Nossa Senhora do Montesserrate:

Fazia torneio entre as equipes de futebol de campo, futebol de salão, não tinha futsal a quadra nessa época era um campinho pequeno e brincava do mesmo jeito... tipo um saía outro entrava, quem perdia saía e outro ficava, era futebol mesmo a imitação de futsal e society no caso.

O esporte tinha seu espaço garantido nas aulas de Educação Física, mesmo sendo improvisado os alunos participavam das aulas e dos esportes oferecidos pelo professor, mas o futebol predominava nas aulas principalmente com os homens.

A técnica de enfermagem Anias Sousa Barbosa aluna do Colégio Estadual Previsto de Moraes conta como foi o seu contato com a educação física:

[...]na época que eu estudei, estudei no Previsto de Moraes, no colégio Estadual, na época comecei a estudar lá em 79 eu fazia quinta série, na época a EF era obrigatória não sei hoje ainda é, e o local lá tinha a quadra de esporte e pra gente fazer a EF tinha o exame físico, tinha o médico que tinha que examinar os alunos e separava as turmas masculino e feminino e na época era até o doutor Amirto que fazia os exames físicos nos alunos lá no colégio e tinha a quadra de fazer a ginástica. E pra fazer a EF a gente tinha mais era alongamentos tinha a quadra de esporte apropriado a gente começava a aula correndo em volta da quadra né, depois fazia as atividades com o alongamento, tinha o cabo de vassoura que a gente fala hoje não sei se é o nome apropriado é esse e fazia mais o alongamento e corria em volta da quadra. O esporte preferido na época era o vôlei, o vôlei era muito conquistado na época que tinha os torneios disputava colégio com colégio era o esporte preferido da galera na época em 79 era o vôlei, eu lembro.

Aqui é apresentado todo um processo para se participar das aulas de Educação Física, e mostra a exclusão na relação de gênero entre os alunos, com homens realizando as aulas num determinado dia e mulheres em outros, e com a improvisação de matérias para a realização das aulas.

O mecânico Benedito de Assis Batista Ferreira relata a rotina das aulas e seus conteúdos:

Levantava 6 horas da manhã ia pro pátio fazia exercício, andava na rua correndo, brincava de futebol de salão. Os exercícios era subir naqueles... fazer barra, e alongamento, abdominal, flexão.

Para este aluno a rotina militar prevalecia como acordar cedo e em seguida já na aula uma série de exercícios com moldes militares que muitas vezes excluía vários alunos pela condição física ou mesmo pela carga de exercícios que não condizia com o desempenho do aluno causando assim uma exclusão dos mesmos.

O fotógrafo Gerson Oliveira Sousa relata suas lembranças da educação física no Colégio Estadual Previsto de Morais:

[...] era diferente do que a gente faz de hoje né, num tinha lugar assim próprio a não ser a quadra que existia lá, a gente fazia na rua, nas estradas, não tinha lugar próprio não, a gente fazia as corridas, mas era totalmente diferente de hoje. Lembro um pouco, era abdominal, que hoje também hoje a gente faz alongamento né, polichinelo que a gente fazia muito e um também assim fazia parte o futebol quando a gente fazia na quadra do próprio colégio.

Este aluno ressalta a Educação Física que na época em que ele era aluno, não se tinha os conteúdos que hoje se tem nas aulas, e os locais próprios, e sim locais adaptados e conteúdos voltas à aptidão física nos moldes criados pelos militares como treinamento.

Outro ponto visto nas aulas de Educação Física é a exclusão e separação entre homens e mulheres nas aulas, desvencilhando o contato uns com os outros nas aulas até mesmo nos exercícios que para os homens visava o condicionamento físico e as mulheres a ginástica com exercícios para melhorar sua postura e definir o corpo.

Este conceito de relação de gênero impõe neste período da história da implantação da Educação Física nas escolas de Caiapônia-GO, um dilema onde homens e mulheres eram tratados com diferenças, essas relações de gênero são estruturadas a partir de um processo histórico que são usados para determinar a desigualdade entre homens e mulheres, essa desigualdade é constituída na diferenciação sexual entre ambos.

Desta maneira Cabral e Diaz,(1998, p. 1) conceituam o gênero da seguinte forma:

Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

Esta separação de gênero que impera nas aulas de Educação Física apresenta esta separação como o resultado desta construção social onde a mulher era vista apenas relacionada à reprodução e os afazeres domésticos enquanto que o homem é visto como o chefe da família que deve ser uma pessoa forte e preparada para lidar com a sociedade.

O esporte parece não ser o principal conteúdo das aulas de educação física nesta década, mas sim um complemento para que os alunos estivessem sempre dispostos a realizá-las e/ou parte do treinamento de estudantes para participação em competições escolares. Os conteúdos aplicados tinham seus fundamentos na ginástica militar sendo que, na maioria das vezes, o esporte entrava nas aulas como um momento em que os alunos tinham lazer após a prática aplicada pelo professor. Assim o aluno poderia se apropriar de conhecimentos da ginástica militar, conhecendo, decifrando e utilizando-a no seu contexto social e se apropriar do esporte onde pudessem brincar divertir, disputar e apreender conhecimentos advindos destas práticas.

Esse modelo de ginástica ou educação física, com exercícios físicos como principal atividade e o esporte como uma complementação, apresenta a prerrogativa instaurada pelo governo nas aulas de educação física que tem como o principal objetivo segundo Brun *formar um exercito composto por jovens sadios e fortes*. Com esse objetivo instaurado nas aulas que se utilizaria das aulas de educação física para formar corpos fortes dóceis.

Esta denominação de corpos dóceis e fortes revela a intenção de dominação do corpo que se movimenta, o corpo que se manipula, que se controlam de acordo com os interesses da classe dominante, esses interesses corrobora para a concepção de corpos fortes e saudáveis. De acordo com Foucault no seu livro *Vigiar e Punir* “Os Corpos Dóceis”, é *dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado*. Essa docilidade implantada ao corpo é considerada como objeto de controle que através de métodos aplicados sobre ele onde os mesmo se sujeitam a uma relação de controle e utilidade disciplinada.

Essa disciplina do corpo para o poder, corresponde ao controle e enfraquecimento entre esta relação, mas aumenta a força economicamente, portanto para a utilização econômica ele se torna útil, sendo que também se torna produtivo e submisso. Esse controle acontece sem que se tenha utilizado a violência física diretamente, mas acontece pela disciplinarização do mesmo ideologicamente.

Para FOUCAULT,

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um

trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

A disciplina aumenta a força do corpo, desta maneira à busca pelos corpos dóceis é aceita em vista de uma nova anatomia política que segundo Foucault não deve ser entendida como uma descoberta súbita. A disciplinarização dos corpos acontece invisivelmente como forma de capitalizar os mesmos em prol da produção, assim os corpos são utilizados como força de trabalho sendo dominados tornando-os submissos.

Nas aulas de Educação Física também acontecia o adestramento dos corpos através dos conteúdos ali aplicados, atuando de forma direta com os alunos trabalhando a aptidão e a capacidade física dos alunos buscando controlar o comportamento e a linguagem do corpo através de métodos. De acordo com Foucault:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.

Na pesquisa foi percebido que as escolas não organizavam torneios esportivos até mesmo por que não se tinha uma quantidade de alunos suficientes para o mesmo dentro da escola. Desta forma utilizavam de amistosos feitos com outras cidades e campeonatos da cidade como futebol como nos relata o Senhor Eurico Moreira dos Santos, professor de educação física no colégio Nossa Senhora do Montesserrate em 1970 sendo ele também policial militar neste período “*Eu ajudava mais a parte esportiva, eu acompanhei diversas vezes foi o futebol, mineiros, e diversas outras cidades*”.

A professora Leocádia Maria de Andrade relata com era a parte esportiva na Escola Estadual Gercina Borges Teixeira:

Promovia, tinha, tinha sim, inclusive a gente tinha campeonato a gente fazia dentro aqui mesmo, e tinha também tudo no chão, tudo em terra, e a gente quando tinha um campeonato de vôlei em piranhas, eu não me esqueço disso.

Os próprios professores organizavam as competições de acordo com o esporte que estava sendo desenvolvido no momento, tal efeito surgia nas aulas onde os alunos se dedicavam para participar destas atividades até mesmo em outras cidades.

Benedito nos relata como eram os torneios que aconteciam na Escola Estadual Elias Nasser: *Com outras escolas, como Geuza, o Gercina Borges, o Montesserrate e o Previsto de Morais.*

Já Gerson Oliveira Sousa nos conta como eram os torneios e campeonatos no Colégio Estadual Previsto de Morais:

Fazia na escola e com outras escolas e às vezes até com outras cidades também. Mas era o futebol de salão né, o handebol que tinha e hoje parece que não vejo praticar mais, já teve o basquete que praticava, no momento o que eu lembro eram esses mesmos, fazia a gente ir em outras cidades também em outros campeonatos também entre outras cidades.

Como o número de alunos na escola ainda era muito pequeno as competições ocorriam entre as mesmas na cidade e às vezes até com outras cidades, assim tentando manter os alunos entusiasmados para as aulas que eram com exercícios militares que nem sempre animava os alunos a participarem.

Ângela Aparecida de Oliveira funcionária do corpo administrativo da Escola Estadual Gercina Borges Teixeira nos conta como era a organização para os torneios: [...] *ai quando ia ter torneio que as aulas eram específicas que era pro futsal, pro vôlei, e pro basquete, são essas três e atividades que eu lembro que acontecia.*

Em conformidade com os relatos e depoimentos percebemos que mesmo depois de alguns anos as escolas de Caiapônia mesmo não tendo um local apropriado para as práticas esportivas mantinham um espaço que era organizado para essas práticas, os professores utilizavam este espaço de maneira a propiciar o aluno uma vivência em concordância com a prática esportiva, primeiro a aula depois o futebol, o vôlei, o basquete, mas de certa forma improvisado desde o local até os materiais e equipamentos utilizados.

Desta maneira o esporte não era o conteúdo principal nas aulas de educação física, a prática de exercícios ginásticos era a principal atividade dos alunos, desta maneira como o número de alunos era pequeno neste período na escola e por isso não acontecia torneios ou campeonatos entre alunos da instituição, desta maneira já no decorrer da década de 1970 organizando campeonatos e torneios entre as escolas e amistosos entre cidades como nos relatou o senhor Eurico. A adesão para se organizar estas competições entre as escolas ainda era escassa, pouco os que se dispunham.

As competições entre as equipes de uma escola ou colégio com outra de outra cidade é uma prática comum no Estado de Goiás, desta forma, além da organização enquanto equipe acontece à socialização e a interação entre os atletas/alunos. Isso se dá pela pouca motivação dos gestores em relação ao esporte dentro da instituição escolar, para tanto procura-se estabelecer este contato com outras localidades.



⁶Fonte: CRUZ, P. O. 1979
Equipe de futebol de campo do Colégio Estadual Previsto de Moraes no torneio Bertoldo Francisco de Abreu.

⁶ Foto da Equipe de Futebol do Colégio Estadual Previsto de Moraes no ano de 1979.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história da educação física em Caiapônia mostrou-se interessante e profícuo por dois motivos principais. Primeiro, o mapeamento e registro de memórias de antigos professores e estudantes que vivenciaram um momento singular de criação de escolas e, especialmente, do enraizamento da educação física escolar nesta pequena cidade goiana. Vivemos em um tempo no qual o passado parece diluir-se na velocidade dos microchips apagando e enfraquecendo, em decorrência, os elos que ligam passado, presente e futuro. O registro de memórias – particularmente das pessoas comuns como os professores estudantes torna-se de extrema validade o registro e o estudo das memórias da escola e, num certo sentido, das memórias da cidade.

Segundo, o estudo permitiu dar a ver o funcionamento da educação física em um espaço e tempo históricos bastante peculiares: uma pequena cidade do interior de um estado periférico na história da nação brasileira onde não havia professores ou locais apropriados para as aulas. Trata-se de um enfoque pouco desenvolvido no campo dos estudos históricos em educação física e, menos ainda, no estado de Goiás. No caso, este estudo permitiu identificar os dilemas e soluções encontrados para a ausência de professores com formação específica e para a inadequação dos espaços de aulas.

Destacaram-se aí a expressiva presença de professores leigos, os vínculos destes professores com as forças militares e as opções de qualificação por meio de cursos de treinamento oferecidos pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFFEGO). No tocante as práticas, a ginástica calistenica de inspiração militar predominou por boa parte dos anos 1970 estando o esporte menos presente. Contudo, as práticas esportivas já se desenvolviam nas aulas, embora as memórias de estudantes e professores tenham localizado estas práticas apenas como complemento da aula ou esporadicamente quando da preparação de equipes para competições esportivas escolares.

Outros importantes achados da pesquisa dizem respeito às relações de gênero e de aparência corporal. No primeiro caso, ficou evidenciado a manutenção da separação entre homens e mulheres nas aulas de educação física naquele momento em que a co-educação já era uma realidade nas salas de aula de todo o Brasil. No segundo caso, se evidenciou os processos de exclusão das práticas esportivas de estudantes que não se enquadravam na

imagem do atleta; vale dizer, principalmente, um corpo magro. Assim, estudantes acima do peso eram impedidas de participar de práticas esportivas, porém, não eximidas das práticas ginásticas.

Ressaltamos ainda que os professores de educação física entrevistados não admitiram a influencia do militarismo em seus métodos de ensino, mas deram significados diversos às praticas disciplinarizantes que levavam a termo nas aulas. Neste sentido, as relações de proximidade e afeto entre estudantes e professores parecem ter atenuado o suposto rigor e disciplinas típicas do universo militar. Afinal, além de dar boas aulas, os professores pareciam ter a preocupação em manter e ampliar relações de cordialidade com estudantes e suas famílias.

Concluindo, ousamos afirmar o pioneirismo desta pesquisa bem como seu potencial de contribuição a historia da educação física, do esporte e do lazer em Goiás.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. C. F. Experiência e prática docente: diálogo pertinentes. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, N 150, Noviembre de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 13 de março de 2014.

ANTUNES, A. R, GEBRAN, R. A. A educação Física no contexto escolar: Trajetórias e proposições pedagógicas. Piracicaba. Ano. 17. n 1. p 31-41. Jan – Jun. 2010. Disponível em:<<http://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicação/article/download/401/446> educação física na década de 1970>. Acesso em 16 de novembro de 2013.

BRUN, G. Educação Física na escola: Uma nova concepção de educação física. Portal educacional. Disponível em: http://www.educacional.com.br/educacao_fisica/educadores/educadores.asp. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf. Acesso em: 15 de março de 2014.

ESEFFEGO – Unidade Universitária de Goiânia. Histórico Jubileu. Goiânia. Disponível em:<<http://www.eseffego.ueg.br/historicojubileu.php>>. Acesso em 17 de novembro de 2013.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento na prisão. 2 ed. Petrópolis: vozes, 1983. Disponível em: ftp://ftp.unilins.edu.br/leonides/Aulas/Ci_ncia%20Pol_tica%20-%20I/Foucault%20-%20Vigiar%20e%20Punir.pdf. Acesso em: 01 de março de 2014.

PAZIN, N. P. A; FREITAS, D. P. A; SILVA, M. L. Esporte para todos e a constituição de um projeto de intervenção social. *Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705)- versão on-*

line, n 9, dez./2010. Disponível em:<dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3406392.pdf>. Acesso em 21 de novembro de 2013.

SOUZA, Eurico de. Por onde os gigantes passaram. Goiânia - GO. Unigraf, 1980.

SOUZA, Eurico de. Torres do Rio Bonito. Brasília – DF. Ipiranga, 1985.

STAHL. M. M. Reflexões sobre a formação do professor leigo. Em Aberto, Brasília, ano 5, n. 32, out./dez. 1986. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2244/1512>. acesso em: 10 de março de 2014.

TEIXEIRA, S. O esporte para todos: “Popularização” do lazer e da recreação. Recorte revista de história do esporte. V.2. n. 2. Dez 2009. Disponível em: < http://www.sport.ifcs.ufrj.br/record/pdf/recordV2N2_2009_16.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

APÊNDICE A

Questionário para entrevista semi-estruturada, a partir dele surgiu outras perguntas aos depoentes.

Perguntas para entrevistas para os alunos:

- 1- Como você via a educação física no seu período escolar?
 - 2- Quais exercícios ou elementos corporais que você realizava nas aulas?
 - 3- Você se lembra quais torneios ou campeonatos eram organizados pela escola e quais modalidades?
- ades?

Perguntas para os professores

- 1- Como era a educação física no período em que você foi professor?
- 2- Por qual motivo você foi dar aulas de educação física?
- 3- Quais atividades eram executadas nas aulas?
- 4- Além dessas atividades físicas você organizava eventos esportivos com os alunos?
- 5- Nesta década como o militarismo comandava o País, isso influenciava nas aulas de educação física?
- 6- Como era a formação dos professores de EF no qual você fez parte?
- 7- Que elementos eram utilizados e de que forma eram planejadas as aulas?

Pergunta específica para o superintendente de educação

- 1- Seu Zé conta pra nós sua experiência na educação e suas funções;
- 2- Como superintendente regional de ensino qual a preocupação que o senhor tinha em relação à educação física?
- 3- O senhor participou da construção e iniciação de algumas escolas em Caiapônia como o Colégio Previsto de Moraes, Montesserrate, Elias Nasser nesta organização, todas essas escolas tinham espaço apropriado para a Educação Física?
- 4- Como superintendente o senhor tinha conhecimento de qual conteúdo os professores ministravam nas aulas de Educação Física?

- 5- Como foi a criação dessas escolas em Caiapônia?
- 6- Como foi a criação do Elias Nasser e do Previsto de Moraes?
- 7- A partir de quando ele se tornou o colégio estadual previsto de Moraes?